

MANDIOCA É COMIDA  
DE QUILOMBOLO  
REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS  
ALIMENTARES EM UMA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA  
AMAZÔNIA BRASILEIRA

---

MANDIOCA É COMIDA  
DE QUILOMBOLA?  
REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS  
ALIMENTARES EM UMA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA DA  
AMAZÔNIA BRASILEIRA

MARCILENE SILVA COSTA

UNIVERSITÉ DE TOULOUSE 2 LE MIRAIL, TOULOUSE, FRANÇA

## **MANDIOCA É COMIDA DE QUILOMBOLA? REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS ALIMENTARES EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA AMAZÔNIA BRASILEIRA**

### **Resumo**

O presente artigo analisa, a partir de uma perspectiva socioantropológica, práticas alimentares de habitantes de uma comunidade quilombola da Amazônia brasileira. As terras onde vivem são cercadas por grandes fazendas de criação de gado que, em geral, pertencem a grandes fazendeiros, homens influentes na vida política regional. O cercamento das terras gera como principal dificuldade a falta de espaço para plantar e cultivar alimentos para consumo próprio. O principal acesso aos alimentos necessários para sobrevivência acaba sendo pela forma de compra e dependência do mercado local, acarretando assim modificações nas representações e práticas alimentares cotidianas. A técnica de investigação escolhida para a realização do trabalho foi uma pesquisa etnográfica onde se privilegiou a observação participante, aplicação de formulários, entrevistas e oficina de desenhos com as crianças da comunidade.

Palavras-chave: Amazônia brasileira, comunidade quilombola, práticas alimentares, representações de alimentos.

## **IS MANIOC QUILOMBOLA FOOD? REPRESENTATIONS AND EATING HABITS OF A QUILOMBOLA COMMUNITY OF THE BRAZILIAN AMAZON**

### **Abstract**

This paper analyzes, through a socio-anthropological perspective, the eating habits of a community quilombola of the Brazilian Amazon. The lands on which they are living are spaces surrounded by fazendas, large agricultural areas used for livestock owned by large landowners, influential men in the regional politics. This implies that only a reduced space remains for the families' agricultural activities, former basis of their economic activity. The consequence is a reduced part of produced or locally picked up food, which causes changes in lifestyle and leads to increasingly consumption of market bought foods. This leads to changes in representations and daily dietary practices. The observation technique chosen to this research is based on an ethnographic participant observation, interviews and drawing workshops on foods with the children of the community.

Keywords: Brazilian Amazon, quilombola community, feeding practices, representations of food.

## **LE MANIOC EST-IL LA NOURRITURE DE QUILOMBOLA? REPRÉSENTATIONS ET PRATIQUES ALIMENTAIRES DANS UNE COMMUNAUTÉ QUILOMBOLA DE L'AMAZONIE BRÉSILIENNE**

### **Résumé**

Cet article analyse à travers une perspective socio-anthropologique les pratiques alimentaires des habitants d'une communauté quilombola de l'Amazonie brésilienne. Les terres sur lesquelles ils vivent sont des espaces entourés par des fazendas, domaines agricoles de grande taille utilisés pour l'élevage de bétail appartenant à des grands propriétaires, hommes influents dans la vie politique régionale. Ceci implique qu'ils ne disposent plus que d'un espace réduit pour pratiquer l'agriculture familiale, anciennement base des activités économiques. La conséquence est la réduction de la part d'aliments produits ou captés localement, ce qui provoque un changement dans leur mode de vie et dans la consommation des aliments qui sont de plus en plus achetés au marché. Ceci entraîne des modifications des représentations et pratiques alimentaires quotidiennes. La technique d'observation choisie pour faire la recherche est celle d'une enquête ethnographique par observation participante, interviews et ateliers de dessins sur les aliments avec les enfants de la communauté.

Mots clés: Amazonie brésilienne, communauté quilombola, pratiques alimentaires, représentation des aliments.

## O QUE COMEM OS QUILOMBOLAS?

O presente trabalho busca analisar, a partir de uma perspectiva socioantropológica, práticas alimentares de habitantes de uma comunidade quilombola da Amazônia brasileira. Busca-se privilegiar observações em campo sobre a alimentação quilombola e a percepção que as crianças do lugar têm sobre os alimentos produzidos e consumidos localmente.

Muitos estudiosos afirmam que, por meio dos hábitos alimentares, uma sociedade ou um grupo social pode se expressar e se comunicar, sendo que os hábitos alimentares podem ser utilizados para compreender e interpretar uma determinada realidade (Bonim & Rolim 1991).

De acordo com Torrão (1995), a alimentação não é determinada apenas por fatores geográficos ou climáticos, visto que na fixação de uma dieta alimentar entram da mesma forma elementos psicossociológicos que a marcam e definem. Um alimento, além de ser uma substância nutritiva que serve para a manutenção física dos indivíduos, encerra também código de valores e símbolos próprios.

Baseados na memória coletiva local, os habitantes de Boa Vista do Itá, representados pela associação comunitária do lugar, reivindicam atualmente a titularização de terras onde vivem, a partir da alegação de habitarem uma *comunidade de remanescentes de quilombo* (descendentes de escravos), de acordo com o artigo 68 da Constituição Federal brasileira de 1988 que diz: “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando

suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os respectivos títulos”.<sup>1</sup>

## CONSTRUINDO QUILOMBO: A LUTA PELA TERRA

Em 1999, os moradores de Boa Vista, com auxílio de representantes de uma entidade do movimento negro urbano de Belém e de pesquisadores da Universidade Federal do Pará, deram entrada no processo de legalização das terras da comunidade como remanescente de quilombo junto ao Instituto de Terras do Pará – ITERPA.<sup>2</sup>

Em 2003 modificaram o nome da associação local, São João, fundada em 1988 em homenagem ao padroeiro da comunidade, para Associação Comunitária de Remanescente de Quilombo Boa Vista do Itá, ato necessário para que continuassem a luta pelas terras. A área pleiteada é de 1.210 ha, sendo que 90% dessa área se encontra titulada a favor de terceiros.

De acordo com a memória local as terras que eles habitam foram doadas por um senhor francês chamado Major Santos ao seu casal de escravos, Felipe Mariano dos Santos e Maria Madalena da Fonseca, que originou a atual localidade. Segundo Conde (1999), o Major Santos possivelmente imigrou para essa região, por meio do sistema de doação de sesmarias, durante o governo imperial no início do séc. XVIII. Ao longo do rio Caraparu, principal da região, tem-se registrada a concessão de várias sesmarias.

O referido Major deixou ao casal de escravos o equivalente a 2.000ha de terras, onde se desenvolveu o povoado. Atualmente, Boa Vista do Itá é composta por 33 famílias (156 pessoas), onde precisamente 30 famílias têm como primeiro ou segundo sobrenome “dos Santos”. Sabemos que na época da escravidão o senhor batizar os escravos com seu próprio nome de família era uma prática comum.

O nome de família “dos Santos” é bastante recorrente também nas comunidades próximas: Conceição do Itá, São Francisco do Itá, Macapazinho e Nossa Senhora do Carmo do Itá visto que essas estão localizadas próximas ao rio Itá, um dos braços do rio Caraparú (Figura 1). Dessa forma, tais comunidades estão ligadas não só espacialmente, mas também socialmente por laços de parentesco. Geralmente, os habitantes dessas localidades costumam enfatizar que são todos parentes.

Provavelmente, Boa Vista do Itá é o povoado mais antigo que gerou as outras localidades às margens do rio Itá, visto que, com a construção da estrada PA-140, as

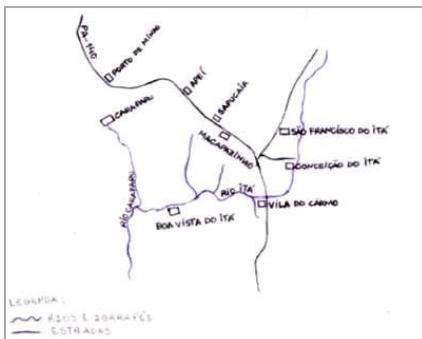


Figura 1. Croqui de Macapazinho e comunidades próximas. Fonte: Varela, M. S. B. e A. S. Meneses (2002).

pessoas migraram para próximo dessa visando as facilidades para escoação dos produtos agrícolas pela estrada.

Boa Vista do Itá assemelha-se a vários outros povoados localizados às margens do rio Itá, sendo que um dos traços em comum dessas comunidades é o fato dos habitantes serem negros vivendo em meio rural.

### MAZAGÃO NÃO FOI MOSTRADO NA NOVELA

Na memória coletiva dos habitantes de Boa Vista estão presentes referências ao lugar de origem do Major dos Santos, que teria imigrado de Mazagão,<sup>3</sup> na África, com seus escravos para o local onde se situa atualmente a comunidade.

Mazagão era um pequeno vilarejo fortificado, de domínio português, banhado pelo oceano Atlântico, localizado no norte da África, no Marrocos, foi restaurada e rebatizada, em 1832 como El Jadida, pelo sultão Moulay Abderahman.<sup>4</sup> Visitei a referida localidade em 2008 ocasião em que fiz fotos do lugar para mostrar aos interlocutores da pesquisa. Ao ver as fotos eles discutiram animadamente por ser a primeira vez que viam um Marrocos que não foi mostrado na telenovela *O Clone* da Rede Globo.

As terras doadas pelo Major dos Santos (2000 ha) foram reduzidas a 12ha devido à venda das mesmas pelos parentes dos atuais moradores, e até mesmo vendida pelo INCRA e ITER-PA como terra devoluta a dois fazendeiros na década de oitenta, sendo que a prática dos antigos compradores era

comprar um pedaço e invadir o resto.

Posso citar como exemplo o caso do médico Sebastião Ramalho, residente em Belém, que contesta o edital de titulação das terras da comunidade. Em um primeiro momento ele se diz agricultor e residindo permanentemente na comunidade, pois comprou de Osvaldo dos Santos (já falecido), o terreno de 25 hectares, em 1989 por NCz\$ 1.500,00 (hum mil e quinhentos cruzados novos). Atualmente se diz proprietário de 32ha na comunidade. Percebe-se, então, que o médico acresceu 7ha ao terreno que comprou.<sup>5</sup>

Alguns moradores lembram que seus parentes trocaram grandes porções de terra pelo equivalente a uma cesta básica de alimentos. Sendo assim, hoje em dia se encontram em uma situação de extrema precariedade, sem terras para plantar, completamente cercados por fazendas.

### **LOCALIZAÇÃO DE BOA VISTA DO ITÁ**

Boa Vista do Itá é um povoado localizado no município de Santa Isabel do Pará, distante aproximadamente 60 km da capital do estado do Pará, Belém, Brasil. Localiza-se precisamente no distrito do Caraparu.<sup>6</sup> O município de Santa Isabel do Pará é formado por três distritos: Caraparu, Americano e distrito sede. De acordo com Conde, a origem do município "... está diretamente ligada ao processo de estratificação da região bragantina para fins de colonização, que teve como marco a construção da estrada de ferro Belém-Bragança, inaugurada em junho de 1883. Na época colonial, o povoado

de Santa Isabel pertencia à colônia de Benevides, a qual foi um dos primeiros núcleos coloniais beneficiados com a estrada de ferro." (1999:11-12).

O historiador Aldrin Figueiredo refere que em 1888, ano da abolição da escravidão no Brasil, Caraparu constituía-se apenas em um pequeno vilarejo, onde viviam os descendentes de escravos foragidos, especialmente de Belém. Para o referido autor: "Caraparu era a denominação dada a um quilombo pouco conhecido que existiu nas proximidades de Belém durante a primeira metade do século XIX." (1996:178).

De acordo com Salles (1988), em um dos braços do rio Guamá, no rio Caraparu, havia um mocambo<sup>7</sup> formado por cabanas distribuídas na área, localizado às margens do igarapé Itá. Por esse motivo, a região do rio Guamá foi alvo de "batidas" policiais freqüentes à procura de mocambos com o intuito de destruí-los e prender os negros que os habitavam.

### **ATIVIDADES ECONÔMICAS DOS HABITANTES DE BOA VISTA DO ITÁ**

Embora Boa Vista do Itá seja considerado um povoado de agricultores, algumas mudanças ocorreram devido à restrição das terras, o que obrigou vários habitantes do lugar a mudarem suas atividades econômicas e por consequência também as práticas alimentares.

De acordo com a memória local, nos tempos antigos, havia menos dependência do mercado; plantavam, pescavam e produziam para o próprio consumo, de forma que todas as famí-

lias locais trabalhavam com agricultura. Atualmente, esse quadro se modificou, já que alguns deles exercem outras atividades econômicas que não são relacionadas à agricultura.

Mesmo assim, apesar das dificuldades ocasionadas pela falta de terra para cultivar a ocupação principal continua sendo o trabalho com a agricultura (roça ou horticultura).

Atualmente, segundo o censo que realizamos em 2009<sup>8</sup> na comunidade, das 156 pessoas recenseadas, 62 pessoas trabalham com agricultura. No item sobre atividade profissional, a que mais se destaca é o trabalho na roça; cinquenta pessoas responderam que desenvolvem essa atividade.

Dessa forma, percebe-se que, apesar das dificuldades, a base da economia continua sendo o trabalho na roça para fabrico de farinha de mandioca, seguido de trabalho na horta, do cultivo de verduras e legumes.<sup>9</sup> É necessário ressaltar que grande parte das pessoas que responderam como atividade principal o trabalho na roça associou uma atividade secundária como produção de carvão vegetal ou serviços gerais.

Atualmente, apenas sete pessoas estão trabalhando com horticultura; antes mais pessoas trabalhavam, mas devido à escassez de água, muitos desistiram e continuam apenas no fabrico da farinha de mandioca.

O grupo familiar tem a responsabilidade pela produção e comercialização dos produtos. Embora o número de pessoas que trabalham com agricultura seja predominante, algumas outras ativi-

dades se destacam, como, por exemplo, serviços gerais (05 pessoas), o que significa nesse contexto trabalhar como mão de obra não qualificada para fazendeiros da região. Dez outros moradores trabalham na empresa avícola Frango Americano, localizada a aproximadamente 6km do povoado. Na empresa trabalham como mão-de-obra não qualificada: a maioria trabalha à noite desembarcando frango de dentro de caminhões, como auxiliar de abate dos frangos ou no serviço de embalagem dos produtos.

Três pessoas exercem a função de caseiros, ou seja, se ocupam de casas ou terrenos, para pessoas, geralmente de fora, que compraram terrenos na localidade, moram em Belém, e vêm no final de semana à comunidade para repousarem. É também possível exercer a atividade de caseiro, em outros lugares, como ocorre com o pai de uma das habitantes que é caseiro de um terreno na cidade de Bujaru e tem direito a folga para visitar a comunidade uma vez por mês.

Há seis mulheres que trabalham no distrito sede de Santa Isabel como empregadas domésticas; duas exercem a profissão para terem a possibilidade de cursar o Ensino Médio, visto que o acesso à escolarização restringe-se ao Ensino Fundamental em uma escola próxima.

O acesso ao Ensino Médio só é possível na cidade, mas a municipalidade não dispõe de transporte coletivo aos moradores. Os poucos que se aventuram a estudar são obrigados a pedalar cerca de 30km de madrugada para poderem chegar na aula a tempo, sabendo que no retorno à casa, o trabalho, auxiliando os



parentes no fabrico da farinha, os espera.

Duas mulheres que trabalham como empregadas domésticas o fazem em troca de alimentação e estudo. As outras quatro não recebem sequer um salário mínimo e não têm carteira assinada. Todas dormem na casa dos patrões e folgam quinzenalmente.

Embora a maioria do pessoal de Boa Vista trabalhe na roça e na fabricação de farinha de mandioca, grande parte das famílias se vêem obrigadas a comprar mandioca de terceiros, devido à falta de espaço para plantar. Por ser tão ínfimo o espaço em que estão confinados, alguns fazem roças nas terras das fazendas próximas.

Os quilombolas compram a saca de mandioca por R\$15,00 (quinze reais) e vendem a saca da farinha já pronta para o consumo a R\$ 80,00 (oitenta reais), uma saca de farinha significa o trabalho de uma semana de uma família inteira. Vendem também outros produtos extraídos da mandioca como por exemplo: o tucupi (líquido amarelo extraído da mandioca fresca) e a goma (fécula da mandioca). Antes faziam apenas a farinha, mas graças a uma oficina ministrada pela Fundação Curro Velho na comunidade – instituição pública estadual – sobre fabricação de goma e tucupi, aprenderam a trabalhar também com esses produtos.

As famílias geralmente fazem farinha uma vez por semana. Homens e mulheres juntos arrancam e carregam as mandiocas compradas e as transportam até a casa de farinha em carro de mão, bicicleta ou caminhão fretado; o meio

de transporte depende da distância que percorrem. Existem, mais ou menos, sete casas de farinha na comunidade, mas apenas uma é utilizada pela maioria dos moradores, a casa de farinha comunitária. As outras seis são utilizadas pelos próprios donos. Raras vezes, outras famílias a freqüentam. O trabalho requer ajuda de toda família, dos adultos às crianças.

Em geral, o trabalho é dividido: os homens torram a farinha, as mulheres extraem o tucupi, as crianças peneiram massa, os jovens ralam mandioca. Embora torrar a farinha seja considerado um trabalho tipicamente masculino, algumas vezes, as mulheres também o fazem.

A casa de farinha, além de um espaço de produção, pode ser considerada também um espaço de sociabilidade. As pessoas, durante o trabalho, conversam, riem e se divertem, contando casos, piadas, fofocando, fazendo refeições, transformando o trabalho em uma grande reunião familiar.

A produção agrícola é escoada por um caminhão da Prefeitura Municipal que passa aos sábados, pela madrugada, para levar os produtos e produtores com destino à feira municipal do agricultor. Chegam à cidade por volta de 5h da manhã e vendem a produção na calçada da feira do agricultor, devido não terem um espaço assegurado dentro da feira para venderem seus produtos; isso significa que os vendem informalmente. Alguns, devido a essa dificuldade, preferem vender os produtos por preços irrisórios aos intermediários, o que significa que não têm quase nenhuma margem de lucro.

A venda dos produtos gera de R\$ 80,00 (oitenta reais), no máximo, a R\$ 20,00 (vinte reais), no mínimo, semanalmente, por família. Com o dinheiro das vendas, eles compram alimentos para passarem a semana: feijão, arroz, macarrão, carne, suco artificial, entre outros.

A renda mensal dos habitantes de Boa Vista do Itá varia de R\$ 200,00 a R\$ 5.000,00. A única pessoa que recebe cinco mil reais não é originária de lá; trata-se de um senhor de Belém que é aposentado pela Marinha Mercante e que por medo da violência da cidade grande se mudou para Boa Vista (Tabela 1).

As famílias em média recebem mensalmente menos de um salário mínimo por mês.<sup>10</sup> Das 33 famílias, 14 recebem auxílio do governo federal, em forma de Bolsa-Família e apenas uma família é beneficiada pelo programa Bolsa-Trabalho. Os valores variam de R\$ 122,00 a R\$ 60,00 mensais. Em alguns casos, é a única fonte de renda fixa.

Devido à falta de espaço para plantar, a renda acaba sendo o principal meio para aquisição de alimentos, ou seja, as famí-

lias ficaram mais dependentes do mercado para se alimentar. No entanto, como vimos, a renda que obtêm é baixa, o que leva a comprarem pouca variedade de alimentos, além de uma quantidade insuficiente para alimentar toda a família.

Na compra desses alimentos, a escolha se faz pelo menor preço e não pela qualidade, o que significa que acabam consumindo alimentos com grande quantidade de sódio e conservantes, acarretando dessa forma prejuízos à saúde. Além disso, algumas vezes, quando se encontram sem dinheiro para comprar à vista alimentos na feira ou supermercados na cidade, acabam comprando cestas de alimentos a crédito de um caminhão que passa na comunidade, vendendo produtos caros e de qualidade duvidosa.

## O PROMETIDO: SEGURANÇA ALIMENTAR GOVERNAMENTAL

A temática da alimentação apareceu com mais vigor na pauta da política brasileira, a partir do governo Lula, com o lançamento, em 2001, da políti-

Tabela 1  
Renda familiar mensal

Renda por família	Nº de famílias
Menos de 1 Salário Mínimo	11
1 Salário Mínimo	5
+ 1 Salário Mínimo	9
2 Salários mínimos	1
+2 Salários mínimos	2
3 Salários mínimos	1
+3 Salários mínimos	4
Total de famílias	33

ca de segurança alimentar, intitulada Programa Fome Zero, além disso, foi criado um ministério específico para o combate à pobreza e à fome, o Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome (MESA). O programa tinha como objetivo promover ações para proporcionar a segurança alimentar e nutricional de todos os brasileiros. O Ministério foi integrado, em 2004, ao novo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS).

De acordo com Beraldo (2006), os projetos e políticas públicas voltados para a construção da segurança alimentar brasileira estão atrelados a ações e programas internacionais, tendo como principal financiador o Banco Mundial. Um dos oito objetivos do Milênio do Programa das Nações Unidas é reduzir a extrema pobreza e a fome no mundo.

Em tais programas e projetos, especial atenção é dada à população rural, principalmente indígenas e quilombolas. Na III Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, que ocorreu em 2007, foi adotado um sistema de cotas para que representantes desses dois segmentos tivessem ampla participação em seminários e conferências municipais, estaduais e federais sobre a temática da segurança alimentar e nutricional. Tal medida foi adotada porque são os indígenas e quilombolas que sofrem de maior insegurança alimentar no país.

Na concepção do governo, segurança alimentar é o direito ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade em boa quantidade, sem que haja com-

prometimento de outras necessidades essenciais da pessoa.

O fato de reivindicar as terras como quilombola integrou vários habitantes de Boa Vista a programas sociais do governo, sendo que o mais importante é o Bolsa-família, programa de política pública de transferência de renda, em forma de auxílio financeiro às famílias que têm os filhos regularmente matriculados em escolas públicas. Tal programa é universal, não é específico aos quilombolas, mas destinado a famílias que vivem em situação de extrema pobreza com renda mensal por pessoa de R\$ 70,00 a R\$ 140,00, o que é a média em Boa Vista.

Os agentes de governo são responsáveis pela divulgação e aplicação de políticas públicas nessas comunidades, visto que a maioria dos moradores não tem conhecimento desses direitos básicos. Sendo assim, o fato de reivindicar a terra como quilombola traz a possibilidade de um acesso, ainda que mínimo, a esses programas de governo.

## **O "DE FATO": INSEGURANÇA ALIMENTAR QUILOMBOLA**

Para que haja segurança alimentar, é preciso que exista disponibilidade de alimentos, o que não ocorre em Boa Vista. Se tomamos como base a afirmação de Trigo et al.(1989), o estado nutricional de uma comunidade depende, principalmente, da existência e possibilidade de acesso a alimentos indispensáveis à sobrevivência.

Em Boa Vista do Itá, devido principal-

mente ao cercamento de suas terras pelos fazendeiros, os quilombolas têm sua segurança alimentar comprometida.

O cercamento das terras gera como principal dificuldade a falta de espaço para plantar e cultivar alimentos para consumo próprio. O acesso aos alimentos necessários para sobrevivência acaba se dá pela compra e dependência do mercado local; como não possuem renda suficiente para comprá-los, muitas vezes os quilombolas passam até mesmo privações alimentares ou optam por comprar alimentos mais baratos o que, geralmente, significa que os mesmos são pouco nutritivos e de má qualidade. Exemplo é o consumo frequente de suco artificial, dos mais variados sabores, principalmente por crianças. Tais sucos têm como base de composição açúcar e corante, sem nenhum valor nutritivo adicionado.

### QUANDO OS DESENHOS REPRESENTAM AS PRÁTICAS ALIMENTARES

Como já foi explicitado anteriormente, durante o mês de agosto de 2009, acompanhada de Marjorie Ruiffel, graduanda em direito na UFPA, no âmbito do projeto Corpo Presente<sup>11</sup> realizamos oficinas, para crianças e adultos, sobre representações identitárias do corpo, saúde e alimentação – por meio de desenhos, pinturas e aplicação de questionários, em Boa Vista do Itá.

A oficina contou com presença de 23 crianças, na faixa etária de dois anos aos 12 anos. Solicitamos que elas desenhassem alimentos que consomem cotidianamente. Os desenhos que serão mostra-

dos aqui foram elaborados no decorrer da referida oficina.

O **peixe** foi o alimento mais representado, seja ainda vivo no rio, seja dentro da frigideira já frito ou mesmo dentro de um prato pronto para o consumo (Figura 2).

O que não surpreende visto que, segundo Mendes (2006) o peixe, a farinha de mandioca e o açaí representam os alimentos campeões da dieta alimentar da região. De acordo com a autora, esses alimentos muitas vezes representam a única opção para famílias de baixa renda. O peixe é uma boa fonte de proteína e cálcio, e o açaí é riquíssimo em ferro e outras vitaminas, e a farinha de mandioca fornece grande quantidade de calorias.

Porém na comunidade a pesca se encontra ameaçada pela falta de peixes no rio Itá e nos igarapés próximos. Isso significa que eles se vêem obrigados a comprar peixe de um morador que os adquire no mercado próximo e os revende localmente.

A **salsicha calabresa** foi o segundo alimento mais desenhado. Observamos que se trata de um alimento largamente consumido, frito com ovos e misturado com farinha de mandioca; era bastante comum ver no prato das pessoas. É um alimento industrializado com alta concentração de sódio, mas com preço baixo; uma pequena quantidade alimenta várias pessoas, no entanto, sem nenhuma segurança alimentar.

A **carne bovina** também foi bastante desenhada: crua, como bife na frigideira ou já cozida dentro da panela. É

o alimento consumido no final de semana ou em ocasiões especiais. Pode ser comprada uma vez por semana, quando os quilombolas vão à feira vender os produtos ou então comprados de um marreteiro<sup>12</sup> que revende o alimento localmente.

A **carne de porco** não apareceu nos desenhos das crianças, mas é um alimento apreciado durante as festas, casamentos, aniversários, em forma de churrasco; no entanto por não disporem de espaço suficiente no quintal para criação de porcos, o animal é comprado em ocasiões festivas, sendo importante alimento para socialização e reforço de laços de solidariedade local. Quando participei do aniversário de uma das antigas moradoras foi o prato ofertado em forma de churrasco aos convidados; o churrasco de porco é também oferecido na festa do pa-

droeiro da comunidade, a festa de Santo Antônio.

O **frango** apareceu com menos frequência: cru, assado ou dentro da geladeira. É curioso, visto que, como mencionado no item sobre atividades econômicas, cerca de dez moradores trabalham na empresa Frango Americano, o que significa que compram esse produto mais barato do que o valor no mercado e dessa forma o alimento circula frequentemente entre as famílias. Durante nossa estada, observamos muitas famílias consumindo frango preparado das mais variadas maneiras: grelhado no carvão, assado de forno, cozido com batata. A doação ou troca de alimentos entre parentes é corrente, sendo que a circulação de alimentos que não são comprados é ligada diretamente a relações de parentesco.

O **pão e ovo** foram largamente rep-



Figura 2. Os alimentos, na representação de Lucas Souza, 2009.

resentados. São alimentos facilmente encontrados na comunidade, visto que grande parte dos moradores cria galinhas para consumo próprio, que porventura põe ovos. Uma moradora montou uma pequena padaria em sua casa, onde ela fabrica pães que são vendidos pela manhã ou à tarde.

Considerados a base da alimentação do brasileiro, o **feijão e o arroz**, em geral desenhados separados, foram medianamente representados. A maioria desenhou o arroz dentro da panela. Porém, de acordo com nossas observações são alimentos consumidos cotidianamente; muitas vezes, durante o almoço do dia-a-dia são servidos arroz, farinha de mandioca e feijão, esse último cozido com pequenos pedaços de carne salgada (charque) para dar gosto.

A maioria dos desenhos fez referência ao **bolo de aniversário** com velas em

cima, bastante coloridos, com bolinhas pintadas representado confeite. Quando indagados se comiam frequentemente bolo, responderam que, quando há aniversários, sim. O bolo é considerado, por elas, um alimento precioso, gostoso e raro, já que a maioria das casas não tem forno a gás (Figura 3).

Os moradores cozinham os alimentos no fogão a lenha e não têm hábito de assar bolos no que eles consideram fogões rudimentares. O bolo é um alimento considerado especial, consumido em festas de aniversários de crianças, raramente em festejos de adultos. De acordo com Senra (1996), os regimes alimentares funcionam como idiomas de diferenciação; no caso citado, diferenciação interna e geracional, marcando um grupo de idade, o que significa que o bolo é o alimento do desejo das crianças, não dos adultos.



Figura 3. Os alimentos, na representação de Tayna dos Santos, 2009.

## NO UNIVERSO DAS FRUTAS

A fruta mais desenhada foi a **maçã**, seguida da **laranja** e da **uva**. Provavelmente eles consomem laranja; no entanto, a maçã e a uva pensamos que desenharam por verem em livros didáticos, visto que, ao menos, no sábado, quando acompanhamos os pais ao mercado, esses alimentos não foram comprados. Com exceção da laranja, as duas outras frutas não podem ser cultivadas na região que não tem clima propício para tal cultivo; tais frutas são cultivadas na região sul do país e chegam na região norte com preço elevado; são consideradas frutas do natal e consumidas nessa época. Uma ressalva há de ser feita, as crianças menores desenharam uva por acharem mais fácil ou sugeridas pelas crianças maiores. Pela raridade, são frutas desejadas.

O **morango** e a **banana** tiveram representação mediana. A primeira fruta é raramente ofertada, mesmo para compra, visto que, como a uva e a maçã, não pode ser cultivada na região. Algumas famílias plantam bananeiras nos quintais ou próximo à roça. Dessa forma, na época da safra, a banana faz parte da dieta alimentar; é uma fruta consumida periodicamente.

Esporadicamente foram desenhados: jaca, manga, açaí, pupunha, anajá, melancia, uxi, abacaxi, coco, ingá (dentro da casca). Essas frutas podem ser encontradas na comunidade e são cultivadas na roça ou no quintal.

O **açaí** é uma fruta bastante consumida na safra, na forma de suco espesso, acompanhado de alimentos como

carne salgada frita (o famoso charque) ou peixe frito e farinha de mandioca.

Durante nossa estada na comunidade, tivemos a oportunidade de ver a preparação do suco do açaí em várias ocasiões. Em geral, é consumido como refeição principal, no almoço ou jantar e circula entre as famílias em troca de farinha ou um pedaço de carne.

Os produtos industrializados foram esporadicamente representados: bombom, pirulito, bebida láctea, iogurte, picolé, sendo que três meninas desenharam sorvete. Na construção dos hábitos alimentares, de acordo com Mintz (2001) tanto antigos hábitos quanto novos se misturam para formar as práticas alimentares de um povo, sendo que muitas vezes as escolhas podem ser reduzidas pela dificuldade em aceder ao alimento.

Embora os produtos industrializados façam parte do universo dos alimentos consumidos cotidianamente pelas famílias de Boa Vista, eles ainda não têm forte presença no que diz respeito ao universo simbólico ou das representações dos alimentos das crianças.

## A CIVILIZAÇÃO DA MANDIOCA

Alguns pesquisadores brasileiros (Mendes 2006) afirmam que Pero Vaz de Caminha foi um dos primeiros a escrever sobre a alimentação no Brasil, na famosa carta destinada ao rei de Portugal, em 1500, onde descreve que os indígenas não criavam animais, nem lavravam, no entanto consumiam bastante inhame, que havia em grande

quantidade em solo brasileiro, assim como sementes e frutos. De acordo com Bezerra (*apud* Mendes 2006) o inhamé descrito por Caminha seria a mandioca, planta originária da Amazônia. Segundo estudos multidisciplinares, os grupos tupi-guarani teriam sido os responsáveis pela difusão da mandioca pela América do Sul (Schaan 2010). Dessa forma, para utilizar uma expressão emprestada da antropóloga Jane Beltrão, encontra-se assim registrada uma grande civilização da mandioca.

Foi o que constatamos, ao pedir para as crianças desenharem alimentos obtidos por compra, na roça ou no quintal. O alimento mais representado foi a mandioca na roça, obviamente porque a farinha é o denominador comum da alimentação local, é o alimento por excelência que não pode faltar em nenhum prato.

A maioria desenhou a **mandioca**, seguida da macaxeira (um tipo de mandioca), visto que consideram as duas diferentes. A maniva (folha da mandioca) também foi lembrada. Milho e melancia foram representados com menos frequência. Uma criança desenhou um casal em ação, no caso seus avós, arrancando macaxeira e raspando mandioca (Figura 4). Outra desenhou um homem torrando farinha.

A representação da mandioca e do fabrico da farinha foi recorrente, visto que, como mencionado anteriormente, a mandioca é a principal atividade agrícola, cultivada nas roças. Depois de transformada em farinha, é a base da alimentação dos moradores de Boa Vista e de sua economia, pois serve tanto para o consumo familiar como para a venda.

Observamos que a semana inteira do grupo familiar é dedicada ao trabalho para fabricação da farinha. A venda da farinha, goma e tucupi é uma das principais fontes de renda das famílias locais.

Segundo Castro (1965) a farinha de mandioca é o alimento básico das populações da Amazônia. Em Boa Vista do Itá eles comem farinha de mandioca até mesmo misturada com o café pela manhã. O pão é um alimento introduzido recentemente na comunidade.

Para Albuquerque (*apud* Mendes 2006) durante todo o processo de colonização do Brasil, foi a mandioca o principal alimento do brasileiro e nas situações de crises alimentares foi a responsável pela sua sobrevivência sendo ainda nos dias de hoje um alimento imprescindível na alimentação de povos de regiões tropicais do mundo inteiro. Para a autora “Os múltiplos e variados aspectos que apresenta com relação ao cultivo e aproveitamento em geral conferem-lhe importância tanto social e econômica, como ainda histórica” (Mendes 2006:36).

Ao estudar um quilombo agrícola baiano de 1800, Reis (1996) afirma que esse mantinha importantes relações econômicas com o mercado regional por abastecê-lo de farinha de mandioca. Esta por sua vez era considerada o “pão da terra”, sendo não só o alimento mais comum nos lares baianos como também o das frotas de navios que mantinham comércio em África e Portugal. Vemos então que, a farinha de mandioca já era importante para sobrevivência tanto dos quilombos antigos como dos atuais.

Segundo Alencastro (*apud* Santil 2006),





Figura 4. Parte do processamento da mandioca na visão de Rodrigo Santos, 2009.

após a introdução da mandioca no continente africano ela passou a ser cultivada em grande escala no Brasil, para ser exportada à África se transformando no alimento principal na dinâmica do comércio escravagista, se consituindo assim em um dos principais fatores da articulação da economia do Atlântico sul. Se enfatizo a importância da cultura da mandioca na história é para mostrar o quanto ela ainda exerce forte papel na economia das comunidades agrícolas da Amazônia.

## ALIMENTOS INDUSTRIALIZADOS NO PRATO DOS QUILOMBOLAS

A maior variação de alimentos desenhados foram os obtidos por compra, como: mortadela, bolacha, biscoito, café, feijão, arroz, carne, frango, calabresa, leite, abóbora e uva.

Woortman (1978) afirma que os hábitos alimentares são construídos a partir de diferentes estratégias de consumo sendo

que pode se levar em consideração não só os alimentos consumidos, mas as condições existentes para que sejam consumidos, como, por exemplo, o acesso a alimentos capturados localmente, e também aquisição dos mesmos por via monetária. Anteriormente se fazia relação entre alimento adquirido e renda, apenas nos centros urbanos; no entanto, atualmente, os meios rurais são também inclusos por dependerem cada vez mais do mercado e da aquisição de alimentos pela compra, o que provoca mudanças nos padrões alimentares das populações rurais.

Situação de insegurança alimentar vivida pelos habitantes de Boa Vista pode ser constatada pelo desenho de Eduarda dos Santos, 7 anos, que desenhou uma grande casa de paredes pintadas de verde e teto vermelho e disse que na casa não havia comida (Figura 5). Durante nossa estada em campo observamos que algumas famílias passavam situações de privação alimentar, onde a farinha de mandioca era o único alimento disponível. Além dessa situação, há outro problema, pois, a maioria das famílias não tem acesso a alimentos de qualidade nem em quantidade suficiente para promoção de uma dieta adequada e saudável.

## QUANDO A FOME APERTA, A SALVAÇÃO É O CARIBÉ

A situação de privação alimentar que algumas vezes os habitantes de Boa Vista se vêem obrigados a passar se assemelha à situação das famílias cearenses que protagonizaram o documentário “Garapa”, de José Padilha (2009). O filme mostra a luta de três

famílias para obter alimentos cotidianamente e que, embora assistidas pelo programa Fome Zero ou Bolsa Família recebendo, em geral, 60 reais mensais, sofrem de fome crônica ou insegurança alimentar e quando se vêem sem saída, sem nenhum alimento para dar às crianças acabam fazendo uma mistura de água quente com açúcar ou rapadura para alimentá-las, visto que o açúcar é o alimento mais barato que elas podem comprar.

Em Boa Vista recorrem, quando não têm nada para comer, não à garapa, mas, ao caribé, mingau de farinha ralo que tem como ingredientes: farinha de mandioca, água e sal, ou então o chibé, mistura de farinha com água. Se algumas vezes só têm a farinha para comer é porque esta é fabricada na própria comunidade.

Em um relato espontâneo, no entanto com uma voz embargada, uma das interlocutoras da pesquisa, durante o processo de fabricação de farinha, quando estávamos reunidas descascando mandioca contou que em certa ocasião quase todas as famílias da comunidade se viram em uma escassez de alimentos e como já estavam há alguns dias sem nada consumir decidiram fazer um mingau de farinha gigante em uma grande panela, cozido numa fogueira no meio da comunidade e assim todos puderam se alimentar. Diferentemente do filme de Padilha, aqui não é o açúcar a caloria mais barata que se pode adquirir, mas a farinha.

## CONCLUSÃO

O quadro alimentar que se presencia atualmente em Boa Vista é: dependência do



Figura 5. A casa onde não há comida. Desenho de Eduarda dos Santos, 2009.

mercado, produção local de subsistência de baixo rendimento, além de que o universo de interação energética com o meio ambiente que contribui para a sua alimentação encontra-se bastante alterado. O fator principal que causa essa situação é a falta de terra para plantarem e a não titulação das mesmas, causando não só insegurança alimentar mas insegurança quanto ao futuro.

A consequência é a redução de parte dos alimentos produzidos ou coletados localmente, o que provoca uma grande mudança no modo de vida deles e no consumo dos alimentos, que são cada vez mais comprados no mercado, efetuando dessa forma modificações nas representações e práticas alimentares cotidianas.

De acordo com Katz e Sureiman (2008), a alimentação é um dos meios pelo qual se desenvolvem identidades tanto coletivas como individuais, de

forma que a alimentação de pessoas de uma dada sociedade pode constituir um sistema de representações, saberes e práticas importantes para a compreensão dos grupos sociais. Para os mesmos autores as transformações de modelos alimentares são raramente estudados a partir de uma perspectiva antropológica.

## NOTAS

<sup>1</sup> Cf. Brasil. 1988. *Constituição Federal*. p. 169. Brasília: Senado Federal.

<sup>2</sup> Orgão regional responsável pela execução da política agrária no estado do Pará. Celebra convênios com Instituto de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, autarquia federal responsável pela emissão de títulos coletivos das terras dos descendentes de quilombos.

<sup>3</sup> “Mazagão era o nome do domínio português, localizado no Norte da África, de 1514 até 1769. Este mesmo povo foi deslocado, segundo os relatos históricos, por volta de 1770, para a Amazônia, no norte do Brasil. Ali, a política de ocupação colonial do senhor Marquês de Pombal estava sendo implementada. Há no Estado do Amapá, Mazagão Velho, distrito do município de Mazagão, que festeja São Tiago, no mês de julho, onde uma encenação retrata as batalhas entre cristãos e mouros, que disputavam na África a hegemonia da fé no continente africano, sob domínio português.” Havia presença francesa no Marrocos a partir de 1530, no entanto a França afirma domínio somente no final do séc. XIX, quando a região se torna um protetorado francês. Conferir : <http://www.overmundo.com.br>. Acesso em 03 de setembro de 2009.

<sup>4</sup> [http://www.dhj-foot.com/new\\_histoire.php](http://www.dhj-foot.com/new_histoire.php). Acesso em 25/04/2010.

<sup>5</sup> Documentos processuais sobre Boa Vista do Itá de 1999 a 2009, arquivados no ITERPA.

<sup>6</sup> Atualmente, o distrito de Caraparu se caracteriza como importante e popular ponto turístico da cidade tendo um dos balneários mais procurados do município.

<sup>7</sup> Sinônimo de quilombo na designação regional.

<sup>8</sup> Todo o material citado no presente artigo foi coletado, em 2009, por Marjorie Ruffeil e por mim, no quadro dos projetos *Corpo Presente: representações de saúde entre quilombolas e políticas públicas* e *Programa de Políticas Afirmativas para Povos Indígenas e Populações Tradicionais (PAPIT)*. Os projetos são coordenados pela professora Jane Felipe Beltrão. Ver Costa e Ruffeil (2009).

<sup>9</sup> O documentário de Alan Guimarães (2011) sobre a comunidade tem como fio condutor o ciclo de trabalho com a mandioca desde o momento que os moradores de Boa Vista saem pela manhã para trabalhar na roça até o processo final de fabricação da farinha.

<sup>10</sup> O salário mínimo na época era R\$ 465,00 (quatrocentos e sessenta e cinco reais).

<sup>11</sup> O projeto tem como objetivo investigar práticas alimentares, doenças crônicas, acesso ao sistema de saúde, histórias e memórias, assim como percepções identitárias quilombolas.

<sup>12</sup> Designação local para o revendedor de produtos alimentícios que utiliza uma moto para se deslocar pela região vendendo alimentos.

## REFERÊNCIAS

Beraldo, N. A. S. 2006. Saberes e práticas alimentares dos agricultores quilombolas da comunidade Maçambique, in *Prêmio ABA/MDA Territórios Quilombolas*/Associação Brasileira de Antropologia Organizador – Brasília: Ministério do Desen-

- volvimento Agrário, Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural.
- Bonin, A. M. A. e M. do C. Rolim. 1991. Hábitos alimentares. *Boletim de Antropologia* 4 (1): 75-90.
- Brasil. 1988. *Constituição Federal*. Brasília: Senado Federal.
- Castro, J. 1965. *Geografia da fome*. São Paulo: Brasiliense.
- Conde, R. M. B. 1999. *A intervenção de órgãos públicos na comunidade negra de Boa Vista do Itá*. Monografia de especialização. Belém: NAEA/Universidade Federal do Pará/UFPA.
- Costa, M. 2003. *Negros, morenos ou quilombolas: memórias e identidades em Macapazinho, Pará*. Dissertação de Mestrado. Belém: Universidade Federal do Pará/UFPA.
- Costa, M. e M. Ruffeil. 2009. *Relatório de Campo Comunidade quilombola Boa Vista do Itá: na memória a afirmação de identidades e busca pelos direitos*. Belém: Universidade Federal do Pará/UFPA, manuscrito inédito.
- Costa, M. 2000. *Tabus alimentares materno-infantis dos índios Tembé*. Trabalho de Conclusão de Curso. Belém: Universidade Federal do Pará/UFPA.
- Figueiredo, A. M. de. 1996. *A cidade dos encantados: pajelança, feitiçarias, e religiões afro-brasileiras na Amazônia; a constituição de um campo de estudo; 1870-1950*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP.
- III Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. 2007. Manual Orientador. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/consea/3conferencia/static/Conferencias\\_Locais/Manual\\_CONSEA\\_06-11.pdf](http://www.planalto.gov.br/consea/3conferencia/static/Conferencias_Locais/Manual_CONSEA_06-11.pdf)
- III Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Documento Final. 2007. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/consea/3conferencia/Static/Documentos/Documento\\_Final.pdf](http://www.planalto.gov.br/consea/3conferencia/Static/Documentos/Documento_Final.pdf)
- Katz, E. e Suremain, C.-É. 2008. Introduction: modèles alimentaires et recompositions sociales en Amérique Latine, in *Anthropology of food* [Online], S4 | May 2008, URL : <http://aof.revues.org/index4033.html>. Acesso em 19 de abril 2010.
- Mendes, P. 2006. *Segurança alimentar em comunidades quilombolas: estudo comparativo de Santo Antônio (Concórdia do Pará) e Cacaú (Colares), Pará*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará/UFPA.
- Mintz, S. W. 2001. Comida e antropologia uma breve revisão. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 16 (47): 31-42.
- Murrieta, R. 1998. O Dilema do Papachibé: consumo alimentar, nutrição e práticas de intervenção na ilha de Ituqui, baixo Amazonas, Pará. *Revista de Antropologia* 41 (1): 97-146.
- Reis, J. J. 1996. Escravos e coiteros no quilombo de Oitizeiro – Bahia, 1806, in *Liberdade por um fio. História dos Quilombos no Brasil*. Editado por J. J. Reis e F. S. Gomes. São Paulo: Cia das Letras.
- Salles, V. 1988. *O negro no Pará sob regime de escravidão*. Belém: FGV.
- Santil, J. M. 2006. « Ce mépris qui nous trouble » *Les représentations du Brésil dans l'imaginaire politique angolais: l'empreinte de la colonialité sur le savoir*. Tese de doutorado. Bordeaux: Université Montesquieu – Bordeaux IV.
- Schaan, D. P. 2010. Deixando a terra natal: as migrações pré-colombianas, in *Migrações na Amazônia*. Editado por C. D. Cancela e R. Chambouleyron. Belém: Açai/Centro de Memória da Amazônia/PPGA.
- Senra, K. 1996. “Gente é Macaco de Onça”. *Padrões de Comestibilidade de Animais nas Terras Baixas da América do Sul*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro – Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- Torrão, M. M. 1995. Alimentação da popula-

ção das Ilhas de Cabo Verde: a permanência dos hábitos alimentares, in *Dietas Alimentares. Transferências e Adaptações nas Ilhas de Cabo Verde (1460-1540)*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.

Trigo, M. et al. 1989. Tabus Alimentares em Região do Norte do Brasil. *Revista Saúde Pública* 23 (6): 455-64.

Woortmann, K. 1978. Hábitos e ideologias alimentares em grupos sociais de baixa renda – Relatório Final. Universidade de Brasília. *Série Antropológica* 20.

Recebido em 30/04/2011.

Aprovado em 08/09/2011.